ROMPER O VÍNCULO CONJUGAL: UMA DIFÍCIL DECISÃO PARA O SEXO MASCULINO

Cecília Aparecida Silva¹; Carlos Alberto Dias²; Agnes Rocha de Almeida³

DISCONTINUE THE CONJUGAL BOND: A DIFFICULT DECISION FOR THE MALE SEX

Resumo: Muitos homens, objetivando alcançar o bem-estar não obtido na vida conjugal, estabelecem relações extraconjugais. Fazê-lo, aparentemente é mais prazeroso do que iniciar um processo de reflexão sobre os motivos que os tornam infelizes para deles se desvencilhar. Objetivando identificar variáveis que contribuem para que diversos homens mantenham um relacionamento conjugal insatisfatório, foram entrevistados indivíduos casados, residentes na cidade de Governador Valadares, apresentando problemas no relacionamento conjugal. Observou-se que existe uma tendência do homem em acomodar-se aos benefícios da vida conjugal devido às seguintes situações: expectativas de melhorias no relacionamento, medo da solidão, preocupação com o bem-estar dos filhos e medo de enfrentar situações novas. Assim, muitos homens dão continuidade ao relacionamento conjugal mesmo quando este é gerador de sofrimentos. Conclui-se que embora os homens, em sua maioria, tenham autonomia financeira, variáveis psicológicas os impedem de avaliar com clareza sua situação conjugal, inviabilizando tomadas de decisões assertivas.

Palavras-chave: Relacionamento conjugal; conflitos; infidelidade; assertividade; divórcio.

¹ Psicóloga clínica. Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM) – Governador Valadares, MG. e-mail: cecitanzer@hotmail.com

² Doutor em Psicologia Clínica. Universidade Vale do Rio Doce, MG. e-mail: cdias@univale.br

³ Pós-graduada em Dependência Química e Outros transtornos Compulsivos. União de Ensino São Francisco, ES. e-mail: agnes.almeida@ig.com.br

Abstract: Many men, trying to reach a well-being not obtained in marital life, establish extramarital relations. Doing this appears to be more pleasant than starting a reflection process about the reasons that made them unhappy and consequently loosen their bond. In order to identify variables that contribute to maintain an unsatisfactory marital relationship for various men, married individuals were interviewed – resident in the town of Governador Valadares – presenting problems in their marital relationship. We noted that there exists a tendency in man to accommodate to the benefits of marital life because of the following situations: expectations of improvements in the relationship, fear of loneliness, worry about the well-being of the children and fear of facing new situations. Thus, many men continue the marital relationship even when this generates suffering. One can conclude that even though the majority of men have financial autonomy, psychological variables prevent them from evaluating with clarity their marital situation, making assertive decisions not viable.

Keywords: Conjugal relationship; conflicts; unfaithfulness; assertiveness; divorce.

Introdução

O número de homens que buscam atendimento psicoterápico em decorrência de relacionamentos conturbados e infelizes tende a aumentar dia a dia. Por mais fortes que procurem aparentar, não conseguem disfarçar sua fragilidade frente à questões amorosas. Quando o relacionamento é motivo de sofrimento e angústia, muitos buscam estabelecer relacionamentos extraconjugais por acreditarem que dessa forma, alcançarão o bem-estar desejado. Efetivamente o envolver-se em aventuras amorosas torna-se mais prazeroso do que iniciar um processo de reflexão sobre os motivos que os tornam infelizes em sua relação conjugal. Sobre a prática da infidelidade como forma de contornar os problemas do relacionamento e manter de forma indireta o compromisso conjugal, Giusti (1987, p.29) faz o seguinte comentário “[...] a infidelidade torna-se mais um indício de um estado de incertezas e insatisfações do que uma alternativa real para um casamento que chegou ao fim”.

A busca do prazer através do ato de infidelidade atua como um processo de fuga da situação problema. Isto é utilizado, sobretudo para não se confrontar com a possibilidade de ter que decidir pelo término do relacionamento. A relação extraconjugal permite ao homem encontrar o prazer na vida sexual

e ao mesmo tempo relacionar-se com a esposa dentro de um clima de “amor e amizade”. Decidir pela separação tende a representar para o homem um fracasso em sua capacidade de honrar os compromissos assumidos publicamente que incluíam entre outros, o zelar pela felicidade de sua esposa nos bons e maus momentos. Não raro homens nessa situação entendem que a separação pode trazer para a mulher pesadas conseqüências e por isso procuram obter um equilíbrio, envolvendo-se de forma paliativa em casos amorosos. A esse respeito, Giusti faz o seguinte comentário:

No relacionamento com outra pessoa diferente do próprio cônjuge, o indivíduo tenta encontrar uma auto-realização maior do que a alcançada no casamento. A infidelidade, assim, transforma-se em uma espécie de caminhos alternativos para experimentar novos momentos de crescimento mais convenientes à sua personalidade, um modo de conhecer melhor a si mesmo (GIUSTI, 1987, p. 28).

Em termos globais, o homem parece ser dirigido por “mandatos” que o obrigam a zelar a todo o custo por sua relação conjugal: “homem que é homem assume as conseqüências de seus atos até o fim”; “o homem deve cumprir o que prometeu”; “quando se come a carne, deve-se também roer os ossos” e outros. Em outros termos, há para o homem uma idéia de que deve cumprir com sua função de esposo e pai, até que a morte dê fim a seus conflitos. A esses mandatos é comum que se acrescente o temor de que um outro homem venha possuir aquela que já foi sua mulher. Os mais paternos tendem também a sentir medo de perder o amor de seus filhos para aquele que se apossou do que antes “lhe pertencia”. Nos casos em que a mulher possui bens, apesar de infeliz o marido tende a permanecer na relação por medo de perder as regalias oferecidas pelo casamento. Por motivo similar, há homens que mantêm a relação, para não repartir seus bens com a esposa.

Existem ainda outras variáveis que aumentam as dificuldades do homem em sair de um relacionamento infeliz, a saber: medo da solidão, receio de não ser jovem o bastante para iniciar novo relacionamento, medo de ferir sentimentos de terceiros, preocupação em ser apontado como o vilão na situação e ainda o sentimento de não ter cumprido seu papel de “protetor” ao fazer sofrer sua mulher.

Embora romper com o relacionamento conjugal seja uma conclusão “quase óbvia” para muitos indivíduos, o temor de que sua decisão possa não ser a melhor, o impede de assumi-la. O fato de se sentir livre ou com motivos para viver um relacionamento extraconjugal, não significa que se sinta igual-

mente capaz de dar fim ao relacionamento conjugal. Teme que tanto sua esposa quanto seus filhos sofram as conseqüências de um ato “impensado”. O temor das conseqüências de um possível rompimento por ele proposto pesa tão fortemente que acaba por viver como se estivesse em uma balança: ora tem vontade de partir, ora tenta se convencer de que deve ficar. Em outros termos o sujeito vive um estado de angústia, de dúvidas e acaba por se sentir vítima da situação.

Objetivando a manutenção de um relacionamento infeliz, várias são as estratégias para, de forma justificada, promover o distanciamento da vida a dois. O desejo que antes era estar junto à família, passa a ser direcionado para o trabalho, viagens, amigos. Essas mesmas estratégias que atuam como um escudo protetor da vida conjugal serve também para aumentar em ambos a sensação de abandono e solidão. O homem originário da cultura de que “homem não chora” sofre em silêncio em seu isolamento.

A situação apresentada levanta a questão: *Porque diversos homens optam por manter o casamento, embora o relacionamento conjugal seja fonte de sentimentos de frustração e de incompetência pessoal?*

Metodologia

A presente investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Vale do Rio Doce-MG. Considerando que a pesquisa tem como objetivo descrever características de pensamentos e comportamentos de um determinado grupo de indivíduos situados num tempo e num espaço geográfico definidos, considerou-se que o método mais indicado seria o de Survey Interseccional (BABBIE, 2005). A população alvo é formada por homens casados, residentes na cidade de Governador Valadares. Os participantes foram identificados através do método Bola de Neve⁴. Dos sujeitos identificados considerou-se para o estudo 41, que além de aceitar participar da presente pesquisa, estivesse vivendo um relacionamento conjugal insatisfatório.

A coleta de dados se fez através de entrevistas, ocasião em que as informações fornecidas pelos participantes da pesquisa foram registradas num formulário próprio. No momento da entrevista foi inicialmente esclarecido que a participação se fazia por livre consentimento e que lhes era resguardado o direito

⁴ Método no qual os entrevistados são indicados por conhecidos e escolhidos aleatoriamente.

de se recusarem a responder qualquer questão que pudesse constrangê-los e ainda, poderiam até interromper a entrevista e destruir o formulário caso não pretendessem continuar fazendo parte da investigação. Foi também assegurado o anonimato dos dados e das respostas contidas no formulário. O tempo médio das entrevistas foi de 50 minutos. Ao final da entrevista, todos os que manifestaram interesse foram encaminhados para o Serviço de Psicologia Aplicada do Curso de Psicologia da Universidade Vale do Rio Doce-MG. Os dados coletados foram tratados estatisticamente através do programa SPHINX que além de realizar a organização dos dados, forneceu quadros e tabelas.

Resultados

A idade média dos participantes é de 39 anos predominando aqueles que possuem entre 33 e 43 (43,9%) e entre 43 e 53 anos de idade (26,8%). Quanto ao nível de escolaridade, 41,5% possuem o Ensino Médio, 12,2% o Ensino Fundamental e apenas 4,9% são de nível superior. Constatou-se que 24,4% não possuem filhos, 26,8% possui apenas 1, 19,5% possui 2 e 29,3% possui três filhos ou mais. O tempo médio de relacionamento conjugal é de 11 anos sendo que 34,1% têm menos de 5 anos e 22% têm entre 10 e 15 anos de relacionamento.

Conforme indicado no quadro 1, dos valores a serem protegidos a fim de se manter um bom relacionamento conjugal, 29,3% apontam como principal a confiança mútua, 22% o respeito, 19,5% a fidelidade e 12,2% a cumplicidade entre o casal. Apenas 4,9% dos entrevistados citam o amor como sustentáculo da vida conjugal.

Valores que devem permanecer	Porcentagem
Confiança mútua	29,30%
Respeito	22,00%
Fidelidade	19,50%
Cumplicidade	12,20%
Amizade entre o casal	7,30%
Amor	4,90%
Submissão da mulher	2,40%
Amizade entre familiares	2,40%
TOTAL	100%

Quadro 1: Valores que precisam ser protegidos no casamento.

Quando questionados sobre as possíveis fontes de conflitos dentro de um relacionamento, 24,4% apontaram a infidelidade, 17,1% à falta de confiança e 12,2% o desrespeito à individualidade. Embora o quadro 2 forneça outros dados como fontes de conflitos, os três mais citados merecem uma atenção especial. Observa-se que ao mesmo tempo em que o homem admite a possibilidade de surgirem conflitos no casamento, gerados por infidelidade ou por uma desconfiança de que esta esteja ocorrendo, ele sente que a individualidade deve ser respeitada. Muitos se sentem desrespeitados justamente quando a esposa desconfia de sua fidelidade.

Conforme se pode observar a partir do quadro 3, os entrevistados consideram como fontes de conflitos no casamento as situações vivenciadas no momento. A falta de confiança está presente no relacionamento na opinião de 29,9% e 11,9% sentem que sua individualidade não está sendo preservada. A infidelidade que antes ocupava o primeiro lugar caiu para o sexto, atingindo 7,5% dos entrevistados.

Os entrevistados declararam que a desconfiança de uma possível infidelidade parte tanto da esposa, quanto deles. Um outro conflito vivenciado pelos homens é a disputa de autoridade e poder. Disputar a autoridade com a esposa é sentida como difícil de lidar por 13,4%.

Fonte de conflitos no relacionamento	Porcentagem
Infidelidade	24,40%
Falta de confiança	17,10%
Desrespeito à individualidade	12,20%
Falta de objetivos comuns	9,80%
Disputas de autoridade e poder	9,80%
Dificuldades financeiras	7,30%
Falta de cumplicidade	7,30%
Interferência de familiares	7,30%
Não tem	4,90%
TOTAL	100,00%

Quadro 2: Possíveis fontes de conflitos no relacionamento.

Os dados contidos no quadro 3 indicam que os valores considerados importantes para um bom relacionamento (ver quadro 1), não fazem parte da vivência real dos entrevistados. Alguns dos conflitos citados podem até provocar uma alta dose de insatisfação nos homens, no entanto aqueles direcionados à fidelidade são os que realmente podem provocar uma separação.

Conflitos vivenciados no casamento	Porcentagem
Falta de confiança	29,90%
Disputas de autoridade e poder	13,40%
Desrespeito à individualidade	11,90%
Interferência de familiares	10,40%
Falta de cumplicidade	9,00%
Infidelidade	7,50%
Dificuldades financeiras	6,00%
Falta de objetivos comuns	6,00%
Incompatibilidade sexual	6,00%
TOTAL	100,00%

Quadro 3: Conflitos vivenciados no casamento.

Conforme indicado no quadro 4, 65,9% acreditam que a infidelidade justificaria uma separação, assim como o ciúme exagerado da parceira (9,8%), o desrespeito à individualidade (4,9%) e a falta de confiança na parceira (4,9%). Interessante ressaltar que a falta de objetivos comuns e a falta de cumplicidade quase não foram citadas pelos homens, levantando assim a seguinte questão: Estaria o homem mais preocupado com a idéia de ser traído do que com o bem-estar da relação em si?

O que justificaria uma separação	Porcentagem
Infidelidade	65,90%
Ciúme exagerado da parceira	9,80%
Desrespeito à individualidade	4,90%
Falta de confiança na parceira	4,90%
Falta de objetivos comuns	4,90%
Outra	4,90%
Falta de cumplicidade	2,40%
Dificuldades financeiras	2,40%
TOTAL	100,00%

Quadro 4: Quais dos conflitos justificam uma separação.

O quadro 5 indica os motivos dados pelos entrevistados para manter um relacionamento conjugal insatisfatório. Dentre eles, 26,8% defenderam que a permanência no casamento se dá em função dos filhos. No entanto, há que se observar que os pais não temem causar sofrimento aos filhos, eles temem o próprio sofrimento. Vale lembrar que o pai só perde o amor do filho quando o seu próprio comportamento ou distanciamento magoa a

criança. Efetivamente os homens ao temer a perda do amor do filho, temem perdê-lo para um outro homem, assim como os 9,8% que afirmaram que a possibilidade de perder o amor da esposa para outro impede que eles proponham a separação.

O temor de fracasso frente à sociedade é observado em 29,3% dos casos. Esse medo de fracassar é explicado por 17,1% dos homens quando afirmam que não estariam honrando a promessa matrimonial e por 12,2% dos homens que não estariam cumprindo com os deveres de pai e marido.

O que leva o homem a permanecer no casamento, mesmo insatisfeito?	Porcentagem
A possibilidade de perder o amor dos filhos	26,80%
O sentimento de fracasso por não honrar a promessa matrimonial	17,10%
O medo da solidão, ou de não vir a amar ou ser amado por outra mulher.	17,10%
A cobrança social por não honrar com seus deveres de pai e marido	12,20%
A possibilidade de que outro homem venha possuir aquela que me pertence	9,80%
Não querer perder o conforto e a comodidade de ter uma mulher em casa	7,30%
Não estar pronto para enfrentar novas situações	4,90%
A exigência legal de pagar pensão	2,40%
Outro	2,40%
TOTAL	100,00%

Quadro 5: Motivos que levam o homem a permanecer no casamento apesar da insatisfação.

Existe a crença em 75,6% dos entrevistados de que podem superar a separação mais rapidamente do que as mulheres. No entanto, se realmente acreditassem ter maior facilidade em reconstruir a vida após o divórcio dificilmente temeriam a solidão e muito menos as novas situações às quais estariam sujeitos após a separação.

Ao observar o quadro 6, questiona-se o verdadeiro sentimento dos entrevistados frente ao relacionamento conjugal. A falta de confiança é sentida como o conflito mais presente entre quase todos os entrevistados, independentemente do grau de satisfação com o relacionamento conjugal. A desconfiança em relação a sua parceira aparece em 25,0% dos “Muito satisfeitos”, 25% dos “Satisfeitos”, 21,4% dos “Insatisfeitos”. Já que a falta de confiança justificaria a separação, como 25% dos homens podem vivenciá-la e ao mesmo tempo estar muito satisfeitos com a vida conjugal?

Entende-se que todo relacionamento tem seus conflitos e que estes muitas vezes não justificam uma separação. No entanto, é pouco compreensivo que um sujeito que vivencia situações de desconfiança, desrespeito à individualidade, infidelidade e falta de objetivos comuns, afirme estar “muito satisfeitos” com o relacionamento. Contudo, poder-se-ia entender que apesar de se estar satisfeito com o relacionamento conjugal, fantasias relativas à infidelidade tendem a “assombrá-los” no dia-a-dia em função de experiências passadas, ou de suas próprias fantasias. Nesse último caso o desejo de possuir a mulher de outrem, se converte em temor de que um outro homem possua sua mulher. Isto explica sua constante insegurança e falta de confiança em relação à parceira.

Conflitos vivenciados no relacionamento	Satisfação no relacionamento			
	Muito satisfeitos	Satisfeitos	Insatisfeitos	TOTAL
Falta de confiança	25,0%	25,00%	21,40%	24,70%
Não respondeu	10,30%	28,60%	14,30%	17,30%
Disputas de autoridade e poder	12,80%	10,70%	7,10%	11,10%
Desrespeito à individualidade	10,30%	10,70%	7,10%	9,90%
Interferência de familiares	10,30%	7,10%	7,10%	8,60%
Falta de cumplicidade	10,30%	3,60%	7,10%	7,40%
Infidelidade	10,30%	0,00%	7,10%	6,20%
Dificuldades financeiras	5,10%	7,10%	0,00%	4,90%
Falta de objetivos comuns	2,60%	3,60%	14,30%	4,90%
Incompatibilidade sexual	2,60%	3,60%	14,30%	4,90%
TOTAL	100%	100%	100%	100%

Quadro 6: Conflitos vivenciados no casamento X Satisfação no casamento.

Mudanças nos papéis sociais do homem e da mulher

Segundo Cuschnir (2000), os tradicionais papéis masculinos e femininos estão em decadência. Não cabe mais apenas ao homem aparentar firmeza, frieza e autocontrole. Da mesma forma, não só da mulher se deve esperar a transparência das emoções. O autor se refere ao homem atual como o “*sexo frágil*” e avalia as mulheres como sendo “egoístas, autocentradas, voltadas para obter sucesso, poder e satisfação”.

Não se pode desconsiderar a opinião do autor, quanto às mudanças nos papéis de homens e mulheres. Porém, convém observar que a atitude da mulher atual se deve ao fato delas estarem mais fortalecidas em termos sociais, econômicos e profissionais. Não fosse o excesso de pressão a que foi

submetido no passado o sexo feminino, elas não teriam buscado com tanto “egoísmo” seu fortalecimento. De forma similar, se as relações entre os sexos tivessem sido mais igualitárias, sobretudo durante a formação da sociedade brasileira, os homens não estranhariam na atualidade, o fato da mulher ser independente.

Cuschnir considera que o homem contemporâneo se encontra em condições de inferioridade, principalmente pelo fato de que as mulheres vêm conquistando espaços em todos os campos produtivos. Elas deixaram de ser dependentes de seus maridos, e passaram a participar do mercado de trabalho, demonstrando possuir um potencial igual ou muitas vezes superior ao apresentado pelos parceiros.

Segundo Boas (2002) a chamada crise da masculinidade, antes restrita à intimidade de cada homem, tornou-se pública nos últimos dez anos. Dezenas de estudos de antropólogos, sociólogos e psiquiatras chamaram a atenção para a condição de inferioridade do sexo masculino. O autor afirma que atualmente as mulheres não mais necessitam dos homens para que este exerça uma de suas funções primordiais, a procriação. Os avanços tecnológicos trouxeram a possibilidade da inseminação artificial e ao mesmo tempo, as mulheres descobriram que o prazer sexual pode ocorrer com ou sem a companhia de um homem. É sabido que o sêmen é doado por homens, mas as mulheres não precisam ter qualquer envolvimento com eles. Com isso, os homens vão se sentindo desconfortáveis na sua relação com as mulheres. Pensar que qualquer coisa que o homem possa oferecer a uma mulher pode ser conseguido por ela independentemente de sua ajuda, gera numa significativa parcela da população masculina uma sensação de inutilidade.

Esse sentimento refletido dentro do casamento pode gerar uma insatisfação quanto ao relacionamento conjugal. A nova situação da mulher deixa o homem sem lugar, sem um papel específico e exclusivo na família. Ela pode engravidar, trabalhar, cuidar da casa, do marido, dos filhos e de todos os problemas que possam aparecer. Contudo, o homem, pode até tentar fazer quase tudo que a mulher faz, mas a forma que geralmente é educado o impede de ter interesse e até mesmo as habilidades para exercer com maestria tais atividades.

Em muitos lares, podem existir homens insatisfeitos com o casamento justamente por estarem deslocados dentro dele. No entanto, não são todos que a partir dessa insatisfação, procuram fazer um redimensionamento de suas expectativas e atualizar-se para melhor lidar com as novas contingências.

Quando esses pensam em algo para se sentirem mais satisfeitos, certamente o divórcio não está entre as primeiras opções.

A dificuldade que o homem tem em assumir que não é feliz no casamento pode estar diretamente ligada ao fato de não acreditarem que atualmente os tradicionais papéis assumidos por ele se tornaram obsoletos. Eles tendem ainda a acreditar que o homem deve sustentar sua família e dar conta das despesas de forma que sua esposa não precise trabalhar ou que se o fizer é para que se sinta socialmente útil e produtiva. O trabalho feminino pode ser visto por eles, como um atestado de incompetência pessoal e não como fruto de um processo pela busca de realização pessoal e profissional.

De certa forma, assumir uma insatisfação no casamento é assumir uma inabilidade de dar conta de uma família. O homem atual parece ter consciência de que caso se separe de sua esposa, estará dando motivos para que a sociedade o considere um incompetente, alguém que não conseguiu cumprir o principal papel a ele designado: conduzir a família conforme expectativas da coletividade.

O relacionamento conjugal sob o ponto de vista legal

O casamento é uma instituição de suma importância no contexto social brasileiro. Em decorrência é protegido pelo novo Código Civil Brasileiro que lhe dedica espaço especial no volume referente ao “Direito de família”. Ao tratar da eficácia jurídica do casamento, Pereira (2005) cita as três classes de efeitos decorrentes do casamento: efeitos sociais, efeitos pessoais e efeitos patrimoniais.

Quando se fala dos efeitos sociais do casamento, normalmente se discute a questão da legitimidade dos filhos, ou seja, possibilitar que estes tenham “um nome” e estejam seguros quanto à sua descendência. Convém atentar para o fato de que o casamento enquanto uma instituição foi criada justamente para garantir tal segurança.

Quanto aos efeitos pessoais, deve-se pensar na repercussão que o casamento tem na vida do homem e da mulher. Estes passam da identidade de solteiros à de casados e é assim que serão reconhecidos perante a sociedade. Para muitas pessoas o status de “casado” traz uma sensação de que finalmente se conseguiu conquistar um espaço na sociedade.

O efeito patrimonial é provavelmente o mais antigo. Um dos primeiros requisitos para a escolha do parceiro conjugal foi por muitos séculos baseado

nas posses do pretendente. Embora a sociedade tenha evoluído e as pessoas estejam assumindo seus parceiros baseando-se em requisitos diversos, não se pode descartar a escolha baseada na possibilidade de conseguir, com o casamento, obter algum benefício financeiro.

Deve-se também considerar a aquisição de posses em conjunto, ou seja, quando os dois constroem um patrimônio, eles garantem aos filhos e a si próprios, uma futura estabilidade financeira. A esse se denomina patrimônio familiar. O efeito patrimonial é um forte motivo para a instauração do casamento, bem como para a manutenção do mesmo. Ainda que o casamento tenha grandes chances de ser dissolvido, ele é, em muitas situações, conservado devido ao patrimônio do casal, porque os cônjuges temem que a partir do divórcio, o patrimônio familiar seja dissolvido.

Segundo o caput do Art. 1.572, qualquer um dos cônjuges que se sentir insatisfeito no casamento pode propor a ação do divórcio. Conforme este artigo, o fato de um dos cônjuges não estar feliz no casamento é um motivo para que ele entre com uma ação de divórcio, independente da concordância do seu parceiro. Para o Código Civil, existem motivos que podem caracterizar a impossibilidade da manutenção do casamento. Nas alíneas do art. 1.573, são citados os seguintes: adultério; tentativa de morte; sevícia ou injúria grave; abandono voluntário do lar conjugal, durante um ano contínuo; condenação por crime infamante; conduta desonrosa.

Todos os motivos acima podem até indicar uma possibilidade de divórcio. No entanto, a coragem para que tal passo seja dado não acompanha as pessoas que vivem ou viveram alguma das situações apresentadas. Aquele que é traído, ou que é prejudicado de certa forma pelo comportamento do parceiro, além de sofrer por tal comportamento, sofre pelo conflito frente à decisão de recomeçar um novo relacionamento.

Sentimentos de apego na manutenção do relacionamento insatisfatório

Desde o nascimento, o ser humano desenvolve uma necessidade biológica e afetiva em relação àqueles que o rodeiam. O bebê precisa da mãe para alimentá-lo, aquecê-lo, cuidar de sua higiene e provê-lo de cuidados. Essas necessidades são descritas por Bowlby (1984) como fazendo parte do comportamento de Apego. O autor explica que o comportamento de apego corresponde a uma resposta desencadeada pela necessidade de sobrevivência

da espécie. Tal necessidade surge desde que são estabelecidos os primeiros contatos entre a mãe e o bebê. A partir de tais contatos o bebê inicia o processo de construção de expectativas relativas a segurança e afeto.

Bowlby defende que o bebê desenvolve o apego em relação àquele que cuida dele, geralmente, sua mãe. O apego é refletido quando o bebê comporta-se de forma a tentar aproximar-se cada vez mais de sua mãe e de forma a evitar o afastamento dela. Ao longo do desenvolvimento da criança, o comportamento de apego se mantém, porém de forma mais atenuada. A criança vai ampliando sua capacidade em suportar ficar mais tempo longe da mãe e em confiar em outras pessoas com as quais convive.

Com a chegada da adolescência, o sujeito começa a direcionar o comportamento de apego para indivíduos fora da família. Por esse comportamento o adolescente se liga a grupos, a alguma religião e às diversas atividades comuns à fase. A forma com que o sujeito direciona o seu comportamento de apego está intimamente ligada à forma que vivenciou o apego com a mãe. Ao discorrer sobre os transtornos do apego, Bowlby, afirmava que a privação materna e a falta de cuidados geram na criança experiências negativas de apego.

Essas experiências vão culminar num adulto carente necessitado ainda do apego, essa carência será amenizada à medida que ele elege outros objetos. Quando o sujeito faz sua escolha afetiva, ele busca exatamente suprir sua carência, passando assim a depender afetivamente do parceiro. A dependência afetiva pode ser observada em várias situações nos relacionamentos conjugais, no entanto é na iminência de uma separação que ela se torna mais evidente. A dificuldade do homem em admitir a separação pode estar ligada ao apego que desenvolveu em relação à sua esposa. O prelúdio de uma separação faz com que o sujeito vivencie novamente as experiências negativas do apego, ou seja, novamente se sente rejeitado, negligenciado.

Embora Freud não tenha nomeado a sua teoria como “teoria do apego”, ele foi o primeiro a explicar a dependência no relacionamento afetivo como uma consequência da dependência do bebê ao seu objeto de amor: a mãe. Deve-se atentar que inicialmente a criança não reconhece aquela que o alimenta como mãe, mas simplesmente o bebê sente que existe algo que lhe faz bem e desse fato, apega-se a esse objeto. Posteriormente, a criança descobre que seu objeto de prazer existe no corpo de alguém que mais tarde será reconhecido como sendo sua mãe. “O primeiro objeto erótico de

uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição [...] Este primeiro objeto é depois completado na pessoa da mãe [...]” (FREUD, 1938, p. 216).

Segundo Freud (1938), por volta dos três anos, o menino descobre os seus órgãos genitais e o prazer que pode obter manipulando-os. Nesse mesmo período os exibe à sua mãe acreditando que conseguirá conquistá-la e possuí-la. O menino na expectativa de ser o “homem da mãe” deseja o sumiço do pai e passa a enxergá-lo como um rival, e a tal processo, o autor deu o nome de Complexo de Édipo.

O menino exibe seu pênis à mãe, acreditando ser este tão poderoso quanto ao de seu pai. No entanto, quando a mãe faz ameaças de que o pai vai cortar seu pênis caso continue a exibi-lo ou até mesmo a se masturbar, passa a temer que aconteça com ele o mesmo que se deu com as mulheres. Por perceber que as meninas não possuem um pênis similar ao seu, imagina que elas foram ‘castradas’, como consequência de uma punição semelhante àquela anunciada por sua mãe. É esperado que muitos pais, em função de novos procedimentos e orientações educacionais recebidas, não ameacem seus filhos nesses termos. Contudo, em função da necessidade de controlar o comportamento das crianças, ameaças de castração acabam ocorrendo mediante utilização de novas linguagens e formas de expressão.

Embora o menino deva saber que sua mãe pertence a seu pai, a ameaça de castração pelo pai, traz resultados que vão afetar o relacionamento do menino com o pai e com a mãe. O seu temor à castração o leva a ser mais passivo com o pai, tal como era com a mãe, sendo que essa passividade, no entanto, não diminui o ódio pelo pai. Segundo Freud (1938, p. 219) “[...] a masculinidade do menino se retrai por assim dizer numa atitude desafiadora em relação ao pai, a qual dominará o seu comportamento posterior, na sociedade humana, de maneira compulsiva”.

O amor que o menino sentia pela mãe, não deixa de existir. Porém, o medo que sente de demonstrar esse amor e ser denunciado ao pai, faz com que esse amor seja reprimido. O menino vive uma ambivalência em relação à mãe, ele sabe que esta pertence ao pai, sabe que jamais conseguirá competir com o ele e sair vencedor, ao mesmo tempo, o amor pela mãe continua presente. Na tentativa de preservar o seu pênis o menino deixa de competir com o pai e passa a identificar-se com ele. Os seus impulsos sexuais se tornam impulsos de afeição e a criança entra em um período cujo impulso sexual fica interrompido (período de latência).

A sexualidade volta a se desenvolver na puberdade, é neste período que o ser humano geralmente começa a fazer as primeiras escolhas amorosas. No caso dos homens a lembrança do afeto vivenciado por ele na infância, em relação à sua cuidadora, orienta a escolha do seu objeto de amor. A esse respeito, Freud (1905, p. 235) faz a seguinte afirmação: “O homem, sobretudo, busca a imagem mnêmica da mãe, tal como essa imagem o dominou desde os primórdios da infância”.

A idéia de que o homem escolhe a sua parceira baseando-se na imagem que tinha de sua mãe, explica o porquê da dificuldade deste em separar-se dela quando sente que o relacionamento não está sendo satisfatório. Admitir que sua esposa não pudesse fazê-lo feliz é o mesmo que admitir que sua mãe também não pudesse. Admitir não ter conseguido amar sua esposa apesar dos problemas é estar ciente que seu amor por sua mãe não era tão intenso como pensava. Não ter conseguido conquistar e manter o olhar da esposa só para si é admitir que seu pênis não tinha o poder que imaginava ter.

Ao conscientizar-se de não ter sido capaz de manter o desejo da esposa (mãe) o homem se depara novamente com a rivalidade paterna, ou seja, tem a certeza de que seu pai continua sendo poderoso e que nunca poderá competir com ele e sair vencedor. Naturalmente que por ocorrer de forma inconsciente, o homem não se dá conta de todo esse processo.

Considerações finais

Como descrito ao longo desse estudo, diversas variáveis contribuem para que os homens optem por manter o relacionamento conjugal mesmo que este seja fonte de frustração e sentimentos de incompetência pessoal. A primeira vilã que contribui para essa ocorrência é a educação diferenciada entre o homem e a mulher, que incute nele a idéia de que não deve se envolver afetivamente para não demonstrar fragilidade. Se o fizer, que mantenha a todo custo sua posição de “cabeça do casal”.

Uma vez que por ocasião das núpcias o homem assume publicamente a responsabilidade de garantir e preservar os valores do matrimônio procura, do seu modo, alcançar tal objetivo. As diferenças no modo de percepção da realidade, na manifestação dos desejos, no modo como um se dirige ao outro e, sobretudo a autonomia adquirida pela mulher com sua entrada no mercado de trabalho, tendem a gerar no homem insatisfações quanto ao seu papel na relação conjugal. Uma relação igualitária entre os sexos no

seio da família, embora correta e adequada, é geradora de desconforto considerando que os adultos de hoje não foram, em sua maioria, educados para atender tal propósito. Embora inadequadas, as relações assimétricas entre os sexos contribuem para que o homem mais facilmente identifique e cumpra com suas “obrigações”.

Isto explica porque Cuschnir (2000) considera que o homem contemporâneo se encontra em condição de inferioridade em relação à mulher. Com a entrada no mercado de trabalho, elas deixaram de ser dependentes de seus maridos, passaram a exigir fidelidade e a investigá-los quanto à fidelidade. Na prática, os homens afirmam que a falta de confiança e o desrespeito à individualidade são fontes privilegiadas de conflitos na vida conjugal. A falta de confiança se dá justamente porque a mulher questiona seu modo de percepção da realidade e desrespeita sua individualidade quando procura, em meio aos objetos pessoais do parceiro, provas de que está sendo infiel.

O homem cresceu imaginando que sua opinião seria prioritária na relação conjugal, contudo, percebe com o tempo que a mulher moderna também exige que seu posicionamento seja respeitado. Isto faz com que o aporte financeiro insuficiente para atender às demandas da família, a interferência de terceiros na relação, o ciúme, a falta de confiança entre os parceiros e a infidelidade gerem conflitos e sofrimentos emocionais minando o relacionamento conjugal.

Os entrevistados acreditam que a infidelidade, e a desconfiança de que ela possa estar acontecendo, são os principais motivos para a separação. A inexistência de objetivos comuns e a falta de cumplicidade quase não foram citadas pelos homens. Difícil é entender como os cônjuges conseguem viver juntos e felizes quando não são cúmplices e não possuem objetivos de vida semelhantes. O que se observa é que os homens estão mais preocupados com a ideia de serem traídos do que com o bem-estar proporcionado pela relação em si.

O fantasma da traição ganha força no imaginário masculino, sobretudo ao perceber que a mulher não depende dele para viver e pior, ela reúne condições para trocá-lo por outro a qualquer momento. A desconfiança e a infidelidade justificam, segundo os entrevistados, a separação conjugal. Contudo, a reduzida “coragem” em decidir-se pelo rompimento aparentemente deve-se ao medo de ser apontado como alguém que não conseguiu manter o casamento e ao temor de ser cobrado socialmente por não honrar com seus deveres de pai e marido.

Vale ressaltar que muitos dos entrevistados, embora se julguem satisfeitos com o relacionamento conjugal, se contradizem ao informar que os conflitos vivenciados no casamento são fortes o suficiente para provocar a separação. Duas hipóteses podem ser lançadas a partir dessa situação. A primeira é de que no tocante ao relacionamento conjugal, muitos homens desenvolvem uma percepção míope e descontextualizada, impedindo-os de avaliar e melhor decidir os rumos do relacionamento. A segunda, é de que embora tenham consciência da realidade vivida pelo casal, não se sentem aptos ou com coragem para repensar e tomar decisões assertivas no tocante a sua relação conjugal.

Referências bibliográficas

- BABBIE, E. **Métodos de Pesquisa de Survey**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BOAS, S. V. **Homens tentam superar desvantagem emocional**. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u763.shtml>>. Acesso em: 17 jan. 2005.
- BOWLBY, J. **Apego – Apego e Perda**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- CUSCHNIR, L. **A Crise do Macho. Psiquiatria e Psicoterapia**. Disponível em: <<http://luizcuschnir.com.br>>. Acesso em: 12 out. 2005.
- FREUD, S. **Esboço de Psicanálise (1938)**. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- GIUSTI, E. **A arte de Separar-se**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.
- PEREIRA, C.M. da S. **Instituições de Direito Civil**. In: **Direito de Família**. Rio de Janeiro: Forense, 2005.